

**O DISCURSO JORNALÍSTICO  
ACERCA DE LAMPIÃO E DE SEU BANDO  
NOS JORNAIS *MUNDO NOVO* E *O LIDADOR***

*Liliane Lemos Santana Barreiros* (UEFS)

[lilianebarreiros@uefs.br](mailto:lilianebarreiros@uefs.br)

**RESUMO**

Tem-se por objetivo no presente estudo analisar o discurso jornalístico em duas reportagens sobre Lampião e seu bando, veiculadas no jornal *Mundo Novo*, em 07/08/1931, e no jornal *O Lidador*, em 31/07/1938, a fim de perceber como esse gênero midiático constitui-se no campo da atividade social, bem como verificar os elementos implícitos e explícitos presentes no *corpus*, que, linguística e extralinguisticamente, constituíram a imagem do cangaço. Para tanto, utiliza-se dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, visto que remete à história e às condições de produção dos enunciados e das enunciações dos sujeitos sociais.

**Palavras-chave:** Texto jornalístico. Análise do discurso. Lampião.

**1. Introdução**

O jornalismo, na atualidade, age por meio da difusão, da periodicidade e da universalidade, atendendo a questões como o acesso às informações, e o emprego de meios como o rádio, a televisão, o texto impresso e a Internet, possibilitando à comunidade o conhecimento dos fatos, para que possa se informar, constituir uma opinião ou posicionar-se em relação aos acontecimentos. Assim, torna-se fundamental o papel das instituições que veiculam as notícias, pois, segundo Melo (2003, p. 18), a crença em suas informações depende de sua sintonia com os anseios da coletividade. Dessa forma, não se considera uma verdade como absoluta, mas como aceitável.

Para o jornalismo, a verdade relaciona-se à isenção e à neutralidade. Conforme Abreu (2005), a eficácia do discurso jornalístico vincula-se à verossimilhança do enunciado: “quanto mais verossímil for a narrativa, maior será a possibilidade de aceitação” (ABREU, 2005, p. 179). O leitor será levado a crer no que lhe é transmitido, a partir das condições sociotemporais de assimilação desse discurso. Desse modo, não há um compromisso com a verdade absoluta de que falavam os filósofos gregos do passado, mas com o que a sociedade em questão aceita como verossímil.

Ao abordar sobre o cangaço – um movimento social surgido no

Nordeste brasileiro no final do século XIX, fruto da diferença de classes da região –, o discurso oficial da época era calcado nos atos de violência que o bando de cangaceiros cometia: as manchetes de jornais anunciavam os demônios das caatingas. No entanto, percebe-se hoje uma variação nas versões sobre o tema. A própria imagem do comandante do bando, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, transcorre caminhos discursivos paradoxais: ora é apresentado como o facínora, ora como o mocinho. Logo, cada esfera de utilização da língua “elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2006, p. 262).

Deste modo, tem-se por objetivo no presente artigo analisar o discurso jornalístico contido em duas reportagens sobre Lampião e seu bando, veiculadas no jornal *Mundo Novo*, em 07/08/1931, e no jornal *O Lídador*, em 31/07/1938, a fim de perceber como essa ferramenta midiática se constitui no campo da atividade social, bem como verificar as marcas linguísticas presentes no *corpus*. Parte-se do pressuposto de que todo trabalho de análise do discurso remete à história e às condições de produção dos enunciados e das enunciações dos sujeitos sociais. Portanto, as reflexões apresentadas são direcionadas ao enquadramento dado às notícias na perspectiva discursiva da memória sócio-histórica construída nos jornais, a partir de valores ideológicos (político, econômico, religioso) que são elementos fundamentais na constituição da imagem da resistência.

## **2. O discurso jornalístico em *Mundo Novo* e *O Lídador***

*Mundo Novo* é um município brasileiro do estado da Bahia, que fica localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, a 294 km de Salvador (capital da Bahia), tendo como vias de acesso as rodovias BR 324 e BA 052 (Estrada do Feijão) e cidades vizinhas: Baixa Grande, Piritiba, Mairi, Tapiramutá, Ruy Barbosa e Macajuba (IBGE, *online*). A origem de Mundo Novo está ligada a um contexto de crise econômica provocada pela grande seca que assolou a região nordeste do Brasil em meados do século XIX. A cidade foi fundada em 1833, pela tropa de boiadeiros liderada pelo Sr. José Carlos da Mota (LIMA, 1988). Portanto, Mundo Novo tem, na pecuária bovina, a origem da sua história no contexto social e político da Bahia.

Apesar do rápido crescimento de Mundo Novo, “a terra que goza da reputação de reunir no seio de sua sociedade ilustres intelectuais, poetas e oradores brilhantes, não possuía, até 1920, um veículo próprio

para externar as suas ideias” (LIMA, 1988, p. 71). A criação de um jornal local era pensamento constante entre os mundonovenses, e assim se fez. No dia 12 de setembro de 1920, foi lançado o jornal *Mundo Novo* pelo Sr. Vicente Ângelo de Lima.



**Jornal *Mundo Novo*, de 07 de agosto de 1931, Ano XI, N. 182, Mundo Novo – BA**

Em 1926, o jornal passou à propriedade do Sr. Manoel Dias de Souza que, posteriormente, o vendeu ao Sr. Nemésio Lima. Este manteve o jornal em circulação até o ano de 1933, quando, por questões políticas, foi definitivamente fechado. O Sr. Nemésio Lima se mudou para Jacobina, uma cidade vizinha, onde reabriu o jornal com o nome de *O Lidador*.



**Jornal *O Lidador*, de 31/07/1938 (manchete de capa), Ano V, n. 246, Jacobina-BA**

Os dois jornais eram respeitados e de considerável circulação nas regiões circunvizinhas. O primeiro, *Mundo Novo*, era intitulado como “jornal imparcial” e o segundo, *O Lidador*, definia-se como “jornal noticioso e independente”. Assim, percebe-se que esses jornais se apresentavam “ilusoriamente” como neutros e objetivos, assumindo uma posição de realidade completa, livre de subjetivações, e que procuravam enfatizar os relatos dos acontecimentos por uma única lente: a da imparcialidade.

Entretanto, o gênero notícia não deve ser pensado apenas como um conjunto de informações explícitas na materialidade linguística do texto, mas como um espaço necessário para a articulação discursiva, a fim de empreender os sentidos edificados sem se deter a aspectos puramente estruturais. Marshall McLuhan afirma que:

O jornal é uma forma confessional de grupo que induz à participação comunitária. Ele pode dar uma “coloração” aos acontecimentos, utilizando-os ou deixando de utilizá-los. Mas é a exposição comunitária diária de múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano. (MCLUHAN, 2007, p. 231).

Nesse sentido, é preciso ultrapassar os limites textuais e considerar os fenômenos contextuais, sociais e ideológicos imprescindíveis e reveladores da construção semântica do texto jornalístico, o que implica dizer “que o discurso da mídia revela particularidades que estão além da notícia” (GOMES, 2007, p. 7).

De acordo com a definição de Bakhtin, os gêneros discursivos são considerados como “enunciados relativamente estáveis”, reconhecíveis e aceitos socialmente, caracterizados “pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional” (BAKHTIN, 2006, p. 261-262). Do ponto de vista do autor, a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana. Desta forma, a concepção de gêneros discursivos extrapola a esfera linguístico-textual para englobar características mais amplas, até chegar ao contexto sócio-histórico de produção e de circulação dos enunciados.

Pode-se chamar de gêneros a diversidade de textos que ocorrem nos ambientes discursivos da sociedade, os quais são materializações linguísticas de discursos textualizados, com suas estruturas relativamente estáveis. Para Bakhtin (2006),

Uma determinada função (científica, técnica, publicista, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2006, p. 266)

Conforme Bakhtin (2006), os gêneros são unidades triádicas, passíveis de serem divididas para fim de análise em unidade composicional, unidade temática e estilo, disponíveis num inventário de textos, criado historicamente pela prática social, com ocorrência nos mais variados ambientes discursivos, que os usuários de uma língua natural atualizam,

quando participam de uma atividade de linguagem, de acordo com o efeito de sentido que querem provocar nos seus interlocutores.

Para Bakhtin (2010), a língua é concreta, realizando-se através dos atos de fala, ou seja, da comunicação efetiva entre seus usuários, o que a caracteriza como um elemento do discurso, como a linguagem em uso. Em adição, a linguagem pode ser considerada como um ato social que se realiza e se modifica nas relações sociais, sendo, ao mesmo tempo, meio para a interação humana e resultado dessa interação, já que os seus sentidos não podem ser desvinculados do contexto de produção. Desse modo, o estudo da língua deve começar com o estudo do contexto social em que se efetuam suas múltiplas formas, pois “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2010, p. 99). Por isso,

[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. [...]. Em condições normais, o critério de correção linguística cede lugar ao critério puramente ideológico: importa-nos menos a correção da enunciação do que seu valor de verdade ou de mentira, seu caráter poético ou vulgar etc. (BAKHTIN, 2010, p. 98-99)

Logo, a língua não pode ser vista como um sistema abstrato de formas normativas, pois é resultante de um trabalho coletivo e histórico, refletindo as relações sociais “relativamente estáveis” dos falantes. Segundo Bakhtin “a língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*” (BAKHTIN, 2010, p. 128). Percebe-se que Bakhtin reforça o caráter dialógico da língua ao evidenciar que é por meio dela que se produzem enunciados concretos, que se materializam nos gêneros discursivos.

Além disso, de acordo com os preceitos bakhtinianos, os gêneros são constituídos historicamente, considerando-se as diferentes formas de interação verbal da vida social. Desse modo, toda enunciação se materializa em um ou mais gêneros discursivos. Nesse sentido, entende-se que os gêneros discursivos são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, e surgem a partir das necessidades e das atividades socioculturais.

Nessa perspectiva, a palavra assume um papel primordial, pois é a partir dela que o sujeito se constitui e é constituído. Essa, compreendida

como signo ideológico, é parte integrante de uma realidade, seja ela social ou não. Com isso, a palavra, em situação de uso, é um espaço de produção de sentido. Dela emergem as significações que, consequentemente, se fazem no espaço criado pelos interlocutores em um contexto sócio-histórico dado. Assim, por ser um espaço gerador de sentido, a palavra controla e é controlada por meio dos mecanismos sociais.

A palavra está imersa numa situação social determinada e carrega consigo conteúdos e sentidos ideológicos subjetivos. Diante disso, há o que se chama de determinismo social, ou seja, dependendo do interlocutor, da situação de uso, o falante determina qual a melhor palavra a ser utilizada. Como afirma Bakhtin (1981, p. 113), “as palavras que se pronunciam ou são inscritas numa materialidade linguística, são verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais e produzem reações de ressonâncias ideológicas”.

No ato da enunciação, o sujeito comunicante (destinador) tem pleno domínio sobre o sujeito destinatário, uma vez que o constrói idealmente, com a intenção de sobre ele produzir efeitos correspondentes a seu projeto de fala (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004). No entanto, não há a certeza de que o destinatário reagirá conforme o esperado, pois, enquanto sujeito interpretante, selecionará as informações e as interpretará de acordo com seu histórico psicológico, social, cultural; ou seja, de acordo com sua visão de mundo. Observa-se, dessa forma, que a comunicação é própria dos indivíduos que vivem em sociedade, que não cessam de trocar mensagens com a ajuda de sistemas de signos, com o objetivo de persuadir e seduzir, de estabelecer relações de influência mais ou menos eficazes (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004).

Comunicação implica persuasão e troca de informações entre indivíduos de um meio social, e tem como consequência a própria evolução desse meio, à medida que atribui papéis, como os de prover a informação, a transmissão de cultura, a persuasão e a educação. A análise do discurso enfoca tais questões, observando que um discurso não consiste em mera transmissão de informações, mas nos efeitos de sentido produzidos a partir de suas condições de produção. Dessa forma, no discurso, ocorre a interação entre autor e interlocutor, com base na forma como o texto em questão estiver estruturado, articulado com o contexto (social), constituindo as identidades. Segundo Orlandi (2001, p. 117):

[...] o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de

situar os protagonistas e o objeto do discurso. (ORLANDI, 2001, p. 117)

Dessa forma, o discurso se constitui objeto de estudo, ao se considerar as condições em que foi produzido e os efeitos de sentido que produz na interação entre emissor e receptor. Tais efeitos são causados pelo modo como o texto está estruturado (e contextualizado), no qual são constituídas as identidades. A escolha de termos e de construções depende da articulação do discurso com o contexto social, refletindo o que Pêcheux denomina “formações ideológicas”, ou seja, a ideologia transmitida nas formações discursivas.

Assim, pode-se inferir que as fontes de informação que constituem o *corpus* desse trabalho foram de considerável contribuição na construção semântica dos relatos sobre os acontecimentos decorrentes das ações dos cangaceiros.

### **3. *Vida e morte de Lampião: transcrição e análise das notícias***

A desigualdade social no campo sempre trouxe divergências para o povo sertanejo. O abuso de poder, de uma forma geral, dos latifundiários sobre os camponeses era um dos maiores agravantes para as pessoas do campo seguirem a vida como cangaceiros. De acordo com Ferreira e Amaury (1997, p. 11), “[...] um bando de cangaceiros era um agrupamento de homens armados que faziam do roubo, da vingança, da extorsão e de outros delitos, seu meio de vida”. Eles encontravam no cangaço uma condição de poder paralelo, um tanto selvagem, para atuarem “de igual para igual” contra as autoridades, além de considerar o movimento como um meio de vida.

Entretanto, não é justo argumentar que apenas os cangaceiros eram violentos naquela época. A conjuntura, como um todo, era assim. Os coronéis mandavam matar pequenos proprietários para se apropriarem das terras, a polícia reprimia em nome da república e o cangaço agia dessa maneira. (ANDRADE, 2007)

O capitão Virgulino Ferreira da Silva foi o cangaceiro mais famoso de todos os tempos. Tanto que, a morte dele refletiu diretamente no fim do cangaço. Os inúmeros atos exercidos pelo cangaceiro Lampião, entre os mais violentos e os mais ousados, repercutiam bastante na região, tornando-se notícia nos meios de comunicação da época e falares populares, o que obrigou, na década de 1930, o Estado Novo a reforçar suas tropas em busca de exterminar o cangaço de uma vez por todas.

Lampião não foi nem o primeiro, nem o último cangaceiro a atuar na região Nordeste, pois o cangaço ainda se manteve até o ano de 1940, mas a morte do cangaceiro representou, também, o sossego para grande parte do povo do Nordeste. “Contudo, nem os acontecimentos em Angicos, nem o cemitério de Quintas deixaram Lampião descansar, pois continua sendo um dos personagens históricos mais famosos da cultura popular brasileira”. (CHANDLER, 1980, p. 265)

A seguir, apresentam-se a transcrição semidiplomática de duas notícias relacionadas ao contexto do cangaço. O método filológico escolhido subsidia e ilustra a análise linguística proposta, ao fornecer com critérios um texto fidedigno, que conserva, na medida do possível, todas as características da *scripta* do texto original. Esse tipo de trabalho de edição de documentos manuscritos também é importante por ser uma das formas de preservação que os tornam acessíveis a um grande número de leitores. Para Cambraia (2005):

Considerando que, após se ter restituído à forma genuína de um texto escrito, ele é, via de regra, publicado novamente, contribui-se também, assim, para a transmissão e preservação desse patrimônio: colabora-se para a transmissão dos textos, porque, ao se publicar um texto, este se torna novamente acessível ao público leitor; e contribui-se para a sua preservação, porque se assegura sua subsistência através de registros em novos e modernos suportes materiais, que aumentarão sua longevidade. (CAMBRAIA, 2005, p. 19-20)

A primeira notícia transcrita foi veiculada no jornal *Mundo Novo*, em 07/08/1931, e aborda sobre a ação de Lampião e seu bando no Nordeste. Já a segunda notícia, foi publicada no jornal *O Lيدador*, em 31/07/1938, e anuncia a sua morte.

**Notícia 1 – veiculada no jornal *Mundo Novo* de 07 de agosto de 1931, Ano XI, N. 182, p. 2.**

Lampeão!

5 Só Deus, certamente, com a sua infallível justiça, concederá aos nossos patricios nordestinos verem-se livres das terríveis façanhas de um demonio, em forma humana, mais conhecido pela alcunha de <Lampeão>.

10 Localizado, ha muitos annos, nas proximidades de Joazeiro – Bomfim, ali permanece o infeliz obreiro arrancando, impiedosamente, a vida e a honra a centenas e centenas de creaturas



- 15 indefezas que lhe caem ás mãos,  
sem que o governo do nosso paiz  
tenha um só gesto de compaixão  
para com tanta calamidade, ou  
mesmo de attenção para com
- 20 aquelles que lhe foram parte in-  
tegrante na conquista do po-  
der!...
- Tão triviaes ja se tornaram  
os actos do temivel bandido, que
- 25 ja não causa mais panico nem  
surpreza quando um jornal ap-  
parece noticiando-os, embora  
os mais recentemente pratica-  
dos, bastantes para a vergonha
- 30 de um povo que tem Exercito,  
Lei e Justiça!
- Tudo, homicidios, deflora-  
mentos, incendios, saques, de-  
predações, insultos aos poderes
- 35 constituídos, tudo passando vae,  
desapercebidamente, sob a alle-  
gação de que a Nação não pode  
custear o movimento de captura  
ou morte ao bandoleiro, emquan-
- 40 to sommas vultuosas são dis-  
pendidas, com a proteção do ca-  
fe, fumo, etc.
- Entra governo, sae governo e  
<Lampeão> permanece a injuri-
- 45 al-os todos, afrontadoramente,  
sem que surja, dos Quarteis ou  
do Cattete, um homem que com-  
prehenda os prejuizos e a indis-  
ciplina que vem infringindo e im-
- 50 plantando a impunidade do ban-  
ditismo, como se fosse o Nordes-  
te habitado simplesmente por  
creaturas selvagens, imbecis, di-  
gnas desses tormentos, que so-
- 55 bem de ponto quando O FISCO,  
o polvo insaciavel, estende os  
braços para sagar, gotta a gotta,  
o suor desta mesma gente.
- Não ha argumento serio que
- 60 justifique a impunidade do gru-  
po de Lampeão, que dia a dia  
vae tornando-se mais forte, de  
geito a, com o correr do tempo,  
o sacrificio de muitas vidas cus-
- 65 tar-nos a sua extinção, caso a-

- pareça no destino do Paiz antes da morte natural de Lampeão, um brasileiro que por isso se interesse.
- 70 Nada de appellos mais, nada de esperanças vãs, mas, aguardando nos chegue, com naturalidade, a paz e o conforto a que temos direito junto aos irmãos do Nordeste, imploremos ao Divino Mestre, incessantemente, o Seu auxilio, e quedemos na comvicção de que seremos favorecidos, porque só Elle é eterno
- 80 e poderoso.

**Notícia 2 – veiculada no jornal *O Lidador* de 31 de julho de 1938 (manchete de capa), Ano V, n. 246, Jacobina – BA.**

- Lampeão Morto!  
Mortos e decapitados o facinora, oito dos seus cabras, sua amante e outra mulher.  
Pela Radio Nacional foi confirmada a notícia da morte do famigerado bandido Lampeão, que, ha mais de
- 5 vinte anos, vem apavorando o povo de alguns Estados nordestinos.
- Graças ao valor e à pertinacia da policia alagoana,
- 10 após renhido combate, foi baqueado, finalmente, no dia 28 dêste, no logar Angico, do Estado de Sergipe, o Terror do Nordeste, juntamente
- 15 com oito dos seus cabras, a sua amante e outra companheira do grupo.
- O comandante da força telegrafou incontinente ao Inter-
- 20 ventor Federal de Alagôas comunicando o fato, e remetteu as 10 cabeças da estu-  
penda caçada para a cidade de Piranhas, daquele Estado.
- 25 Desta vez acreditamos que Lampeão morreu mesmo.

Na notícia 1, o discurso está relacionado à defesa do povo nordestino contra os ataques dos cangaceiros e prevê uma possível extinção da raça humana, caso o governo não consiga pôr fim a situação antes da morte natural de Lampeão; centra-se na crítica a falta de esforços das autoridades e destaca o papel importante da população nas eleições “sem que o governo do nosso paiz tenha um só gesto de compaixão para com tanta calamidade, ou mesmo de atenção para com aquelles que lhe foram parte integrante na conquista do poder!...” (l. 16-22). De acordo com Marshall McLuhan: “[...] a imprensa é uma ação e uma ficção quotidianas, uma coisa que se faz com tudo que sucede numa comunidade. Pela sua disposição em mosaico, o jornal é uma imagem em corte da comunidade”. (MCLUHAN, 2007, p. 240)

Nessa perspectiva, percebemos que o jornal, veículo da mídia impressa de caráter objetivo, torna-se predominantemente subjetivo, visto que o sujeito enunciativo se inclui também no discurso como membro da comunidade. Além disso, deve-se atentar para o fato de que o texto aparece vinculado ao discurso religioso. No que diz respeito aos adjetivos ou expressões com valor de adjetivo, pode-se dizer que eles são extremamente modalizadores, pois qualificam verbalmente o que às vezes é apenas uma imagem, formalizando um conceito de verdade, dando um valor depreciativo. Esses elementos evidenciam a contradição de “imparcialidade” proposta como logomarca do jornal *Mundo Novo*.

O título da manchete chama a atenção do leitor para que se concentre no objeto do discurso: ele orienta o caminho que o público irá percorrer no discurso. O leitor por meio dele, prevê o direcionamento do discurso textual, principalmente na notícia 2. Nesse caso, a escolha das palavras e da pontuação expressa um alívio por dar ciência a comunidade de um fato tão esperado – a morte de Lampeão. Diferentemente da notícia 1, na notícia 2, o discurso centra-se integralmente nos esforços das autoridades, em especial, a polícia alagoana, elogiando e mostrando um governo eminentemente preocupado com a defesa do território, sendo assim merecedor de eternos agradecimentos. Ressalta-se o valor de verdade empreendido na notícia, quando afirma que: “Desta vez acreditamos que Lampeão morreu mesmo” (l. 28-29), tendo em vista que essa notícia já tinha sido veiculada outras vezes sem veracidade.

#### **4. Considerações finais**

O movimento do cangaço e seu legítimo representante, Virgulino

Ferreira da Silva, tornaram-se temas das mais diversas áreas da produção cultural do país, sendo representado em livro, artesanato, música, cinema, teatro, cordel, entre outros, até os dias de hoje. Com base na breve análise apresentada de notícias que foram veiculadas durante o movimento do cangaço, pode-se afirmar que todo discurso não é único, mas vem interpelado por discursos pré-concebidos, os “já ditos”.

A utilização das estratégias argumentativas e do uso de modalizadores, em especial, dos qualificadores negativos, como adjetivos, advérbios e pronomes conjugados em primeira pessoa, observa-se a construção do discurso acerca dos cangaceiros, demarcando o posicionamento assumido pelo orador. Constata-se também, que o enquadramento da cobertura noticiosa dos jornais seguia uma determinação político-ideológica, visto que o contexto linguístico dos mesmos se caracterizou como um portavoiz do poder, assumindo em primeira instância, uma expressão local como ficou evidente na notícia 2.

Deste modo, apresentou-se uma análise preliminar, já que existem outras possibilidades de compreensão e leitura aos olhos de outro ouvinte/analista.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. C. *A Peucer, o que é de Cícero: a odisséia narrativa entre a história e o jornalismo*. In: Estudos em Jornalismo e Mídia, vol.II, n.1. Florianópolis, 1º. sem. 2005. Disponível em: <<http://posjor.ufsc.br/public/docs/147.pdf>>. Acesso em: 10-012012.

ANDRADE, M. J. P. de. *A saga de Lampião pelos caminhos discursivos do cinema brasileiro*. 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2007.

BAKHTIN, Mikhail M. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec. 2010.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense, 1981.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHANDLER, B. J. *Lampião, o Rei dos Cangaceiros*. Trad.: Sarita L. Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHARADEAU, P.; MAINGUENAU, M. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, V.; AMAURY, A. *O Espinho do Quipá: Lampião, a história*. São Paulo: Buonfiglio, 1997.

GOMES, A. L. *Além da notícia*. Natal: EDURFRN, 2007.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 13-01-2012.

*Jornal Mundo Novo*, 07/08/1931. Ano XI, n. 182, p. 2, Mundo Novo-BA.

*Jornal O Lidador*, 31-07-1938. Ano V, n. 246, Jacobina-BA.

LIMA, D. de. *Mundo Novo, Nossa Terra, Nossa Gente*. Salvador: Contemp, 1988.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad.: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MELO, J. M. M. *Jornalismo opinativo*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.